

**O PERCURSO GERATIVO DE SENTIDO EM UMA CHARGE
SOBRE A LIBRAS: UM ESTUDO A PARTIR DA
SEMIÓTICA GREIMASIANA**

Tais Turaça Arantes (UERJ)

taistania@gmail.com

Jéssica Rabelo Nascimento (UFMS)

Thays Baniski Teixeira (UFMS)

Ana Carolina Gonzalez Batista (UCAM)

Hugo Augusto Turaça Leandro (UFMS)

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo principal realizar uma análise sob a luz da Semiótica Discursiva. Para isso, listaremos alguns dispositivos de análise do percurso gerativo de sentido e como o mesmo se constituiu na presente charge. Para isso nos embasaremos em alguns estudiosos da semiótica greimasiana. O *corpus* selecionado foi uma charge que trata sobre a reação ao se deparar com o sujeito surdo, pois mesmo com seu reconhecimento legal com a Lei da LIBRAS no ano de 2002, e regulamentada pelo decreto 5626 de 2005, e que para muitos ainda é uma surpresa que surdos são cidadãos assim como todos em sociedade.

Palavras-chave:

Charge. Percurso gerativo. Semiótica discursiva.

1. Introdução

O presente trabalho tem o objetivo de realizar uma breve análise de uma charge, para a qual nos embasaremos em alguns teóricos da Semiótica Discursiva. Para o *corpus* selecionamos uma tirinha que trata sobre a visão de ser surdo em uma sociedade de maioria ouvinte, onde a Libras ainda não tem seu devido reconhecimento.

A LIBRAS – Língua Brasileira de Sinais – é a língua da comunidade surda brasileira, tendo o seu reconhecimento em 2002 e passando a ser uma língua oficial e um direito daqueles que a usam, enquanto instrumento social e intelectual.

Para a análise usaremos o percurso gerativo de sentido, isto é, como os sentidos se constituirão na tirinha. Há três sujeitos na tirinha, porém somente dois interagem: o primeiro é uma senhora e o segundo é o filho do sujeito surdo. Faremos uma análise da visão de ambos os sujeitos.

No que tange à metodologia do trabalho realizaremos uma breve explicação sobre a Semiótica Discursiva e suas bases teóricas, para então partirmos para a análise do *corpus*. Sendo assim o trabalho está dividido da seguinte maneira: Semiótica Discursiva; Percurso gerativo dos sentidos; Nível fundamental; Nível Narrativo; e Nível discursivo.

2. *Semiótica discursiva*

A Semiótica Greimasiana tem o objetivo de explorar os sentidos, não se reduzindo somente à descrição da comunicação, mas englobando o processo muito mais geral, o da significação. Como dito por Barros (1990, p. 5), “A semiótica insere-se, portanto, no quadro das teorias que se preocupam com o texto”.

Pietroforte (2004) também nos explica que a semiótica greimasiana estuda a significação, que se define no conceito do texto, definido por um plano de expressão e de conteúdo. Dessa forma, o referido pesquisador nos acentua que o plano de conteúdo é “o que o texto diz e como ele faz para dizer o que diz”. Em outras palavras, é como o texto se vale dos signos para construir a sua mensagem, enquanto que no plano de expressão está a manifestação desse conteúdo, que pode acontecer por meio de signos verbais, não verbais ou sincréticos.

Dessa forma, os signos verbais são aqueles que pertencem às línguas naturais e os não verbais são pertencentes aos demais sistemas, tais como uma pintura ou um ritmo de uma música. Sendo assim, o sistema sincrético é aquele que aciona, durante a leitura, as várias linguagens da manifestação (GREIMAS; COURTÉS, 1989). Enfim, o sistema sincrético é aquilo que está presente nas histórias em quadrinhos, objeto de estudo desse trabalho.

No que concerne às considerações epistemológicas da semiótica greimasiana, ela está ligada ao fato “de a semiótica – por sua própria natureza de projeto com (rigorosa) vocação científica, em constante fazer-se – envolver em seu desenvolvimento um agir essencialmente epistemológico, o que não a impediu nem impede de ser metodologicamente produtiva” (SOBRAL, 2009, p. 63). Por isso que compreendemos que a semiótica se configura como um sistema de produção de sentidos.

Conforme Barros (2004, p. 187), o objeto da semiótica é o texto e visa explicar os sentidos do mesmo, ou seja, aquilo que é dito, bem como

os mecanismos e procedimentos responsáveis pela construção do sentido de cada texto.

Como diz Fiorin (1999):

É preciso alertar que o fazer teórico da semiótica é aspectualizado imperfeitamente, o que significa que não constitui ela uma teoria pronta e acabada, mas um projeto, um percurso. Não está *facta*, mas *in fieri*. Por isso, a todo momento, está repensando-se, modificando-se, refazendo-se, corrigindo-se. (FIORIN, 1999, p. 1)

O texto se organiza e produz palavras. Dessa maneira, produz sentidos, construindo um objeto de significação e construindo relação com os objetos culturais, por estar inserido em uma sociedade, em um certo momento histórico. Podendo ser um texto linguístico, oral ou escrito, um texto visual ou gestual, ou um texto que utiliza ambas as expressões.

3. Percurso gerativo dos sentidos

Para se construir o sentido de um texto, a semiótica discursiva concebe “o seu plano do conteúdo sob a forma de um percurso gerativo. A noção de percurso gerativo do sentido é fundamental para a teoria semiótica” (BARROS, 1990, p. 8-9).

O percurso gerativo de sentido é constituído por três etapas, cada uma sendo descrita e explicada por uma gramática independente. No entanto, o sentido do texto é composto por uma relação entre os três níveis.

A primeira etapa do percurso gerativo, a mais simples e abstrata, recebe o nome de “nível fundamental”: é nele que surge a significação como oposição semântica mínima. O segundo seria o “nível narrativo”, que se organiza do ponto de vista do sujeito. Por último, o nível discursivo, “ou das estruturas discursivas em que a narrativa é assumida pelo sujeito da enunciação” (BARROS, 1990, p. 9). Esse terceiro nível é a etapa mais complexa; é nela que a narrativa toma forma de discurso “graças aos procedimentos de temporalização, espacialização, tematização e figurativização, que completam o enriquecimento e a concretização semântica”.

Dessa maneira, para demonstrar o percurso gerativo de sentido na construção semiótica do texto, utilizaremos a charge, posteriormente, serão feitas apresentações de cada nível do percurso. A seguir o quadro 1 que também nos auxilia na compreensão da teoria da semiótica de Greimas:

Quadro 1: Percurso gerativo de sentido.

	SINTAXE	SEMÂNTICA
Nível Fundamental (mínimo de significado)	Oposição semântica fundamental (quadrado semiótico) com afirmações/negações	Valores (euforia/disforia)
Nível Narrativo (sujeitos/valores)	A narrativa se organiza do ponto de vista de um sujeito (estados/transformações)	Valores (desejáveis/indesejáveis)
Nível Discursivo (instância da enunciação)	Temporalização Espacialização Autorização Aspectualização	Valores disseminados no texto sob forma de Temas (tematização) e Figuras (figurativização)

Fonte: Fiorin (2005).

A seguir a charge utilizada como *corpus* de análise:



Fonte: <http://portfoliodeaprendizagemkatiadelfabro.blogspot.com/2016/05/libras.html>.

4. Nível fundamental

O nível fundamental compreende a(s) categoria(s) semântica(s) que ordena(m), de maneira mais geral, os diferentes conteúdos do texto. Uma categoria semântica é uma oposição tal que *a* vs *b*. Podem-se investir nessa relação oposições como *vida* vs *morte*, *natureza* vs *cultura*, etc. Negando-se cada um dos termos da oposição, teremos *não a* vs *não b*. Os termos *a* vs *b* mantêm entre si uma relação de contrariedade. A mesma coisa ocorre com os termos *não a* vs *não b*. Entre *a* e *não a* e *b* e *não b* há uma relação de contraditoriedade. Ademais, *não a* mantém com *b*, assim como *não b* com *a*, uma relação de implicação. Os termos que mantêm entre si uma relação de contrariedade podem manifestar-se unidos. (FIORIN, 1999, p. 4)

Dessa maneira Barros (2004) nos trata sobre o nível fundamental:

No nível mais abstrato e simples, o das **estruturas fundamentais**, os sentidos do texto são entendidos como uma categoria ou oposição semântica, cujos termos são: 1. Determinados pelas relações sensoriais do ser

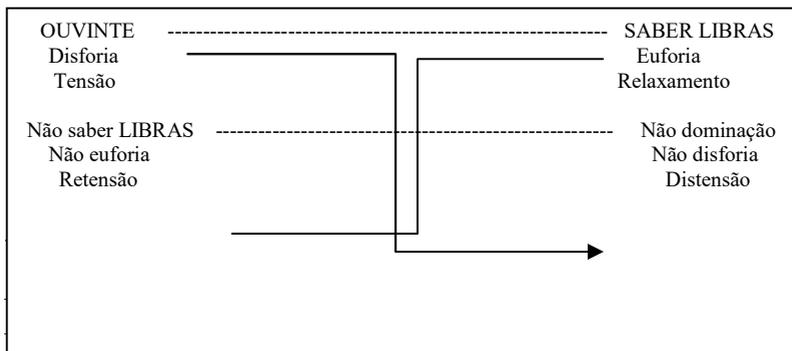
vivo com esses conteúdos e considerados atraentes ou eufóricos e repulsivos ou disfóricos; 2. negados ou afirmados por relações de uma sintaxe elementar; 3. Representados e visualizados por meio de um modelo lógico de relações denominado *quadrado semiótico*. (BARROS, 2004, p. 189)

Na presente narrativa a categoria semântica fundamental é Ser Ouvinte X Não Saber LIBRAS, que é expressada durante a tirinha, quando a senhora se coloca em posição de ter um sentimento de dó do pai do menino por ele ser surdo, enquanto o mesmo a rebate perguntando se ela sabe libras, expressando, ao ouvir a resposta negativa, o mesmo sentimento de dó que a senhora apresenta ao saber que o pai é surdo.

Dessa maneira, saber LIBRAS se torna *disfórico* para a senhora, pois não se trata de uma língua que a mesma saiba ou tenha interesse. E para o menino a *euforia* se dá quando a mesma não sabe LIBRAS.

A categoria *euforia/disforia* do nível fundamental converte-se em traços modais que modificam as relações entre sujeito e objeto. Assim, um valor marcado euforicamente no nível fundamental converte-se, por exemplo, em objeto desejável no nível narrativo, enquanto um valor disfórico torna-se, por exemplo, um objeto temido no nível narrativo. (FIORIN, 1999, p. 9)

Podemos realizar uma breve análise no nível fundamental, podendo ser visualizada logo abaixo no quadrado semiótico elaborado por Barros (2004, p. 190).



A sintaxe do presente texto acontece da seguinte maneira: afirmação de que o pai do personagem é surdo, o que gera um sentimento de dó da senhora na *charge*. A negação acontece com o questionamento se a

mulher sabia Libras, e ela, não sabendo, recebe a mesma exclamação de dó pelo menino.

5. *Nível narrativo*

A segunda parte do percurso gerativo e das estruturas narrativas pode ser sintetizada da seguinte maneira, como afirma Barros (2004, p. 191):

1. introdução do sujeito – em lugar das operações lógicas fundamentais, ocorrem transformações narrativas operadas por um sujeito; 2. as categorias semânticas fundamentais tornam-se valores do sujeito e são “inseridas” nos objetos com que o sujeito se relaciona; 3. as determinações tensivo-fóricas fundamentais convertem-se em modalização que modificam as ações e os modos de existência do sujeito e suas relações com os valores. (BARROS, 2004, p. 189)

Todas as narrativas se desdobram em uma organização de três percursos que se relacionam. Esses percursos são: manipulação, ação e sanção, sendo que a sanção implica a ação, que implica a manipulação.

Na manipulação, o destinador propõe um contrato a um destinatário e, durante a narrativa, procura persuadi-lo “com diferentes estratégias, a aceitar o contrato e a fazer o que ele, destinador, quer que o outro faça. O destinatário, por sua vez, interpreta a persuasão do destinador” (BARROS, 2004, p. 191). E, dessa maneira, toda comunicação seria uma manipulação e, durante a comunicação, a persuasão estaria presente.

Podemos destacar as seguintes maneiras de manipulação:

Sedução: em que o destinador manifesta um saber fazer o destinatário querer fazer, elogiando-o ou enaltecendo-o de tal maneira que qualquer sinal de recusa à manipulação significaria também a renúncia a todas as qualidades que lhe foram atribuídas; b. Tentação: domínio em que o destinador demonstra poder fazer o destinatário querer fazer, apresentando-lhe uma recompensa de algum modo irrecusável; c. Provocação: caso no qual o primeiro actante obtém com o seu saber fazer o dever fazer do destinatário, já que o leva a agir como única forma de refutar a depreciação que lhe foi imposta; d. Intimidação: processo que põe em cena um destinador dotado de um poder fazer (normalmente extradiscursivo) o destinatário deve fazer a partir de algum tipo de ameaça. (TATIT, 2002, p. 191)

Na narrativa utilizada como corpus do trabalho, estão presentes os seguintes modos de manipulação:

- **Intimidação:** (Então... seu pai não pode escutar?) “São apresentados valores que o destinador acha que o destinatário teme e quer evitar” (BARROS, 2004, p. 197).
- **Tentação:** (Então, você sabe falar língua de sinais?) “São apresentados valores que o destinador julga que o destinatário deseja” (BARROS, 2004, p. 197).

A manipulação é concebida como um fazer-criar que é empregado pelo destinador, que determina os “valores em jogo”, e o fazer-fazer que é responsável pela transformação e os sentidos empregados durante a charge. “Para que um sujeito possa executar uma ação, é preciso que ele saiba e possa fazê-lo, isto é, seja competente para isso, e, ao mesmo tempo, queira e/ou deva fazê-lo” (FIORIN, 1999, p. 5).

Para que aconteça a manipulação, o sujeito principal tenta manipular o destinatário para que o mesmo colabore com o seu objetivo. Na charge a senhora se depara com um menino que acompanha seu pai, e pergunta se seu pai não pode escutar, e a criança responde que ele é surdo, acontecendo a sua reação de tristeza. Nesse ponto acontece a manipulação da senhora sobre o menino como se ser surdo fosse algo negativo.

Contudo o menino não se deixa manipular, lançando uma surpresa não esperada pela senhora, que seria seu objeto de valor, isto é, se a mulher sabia Libras. Com a ação, o sujeito aceita o contrato proposto pelo destinador-manipulador e realiza a ação acordada, operando a transformação na narrativa. Neste presente trabalho, na charge coletada, o destinador tem um destinatário, no caso, o filho.

E, por último, o percurso da sanção, em que o sujeito da ação procura convencer o seu destinador a cumprir o determinado contrato e, dessa maneira, realizar a ação, sendo esta sancionada positivamente ou negativamente. Na charge a sanção é negativa em relação à intenção do destinador inicialmente.

Os enunciados narrativos são de dois tipos: estado e transformação. Conforme Barros (2004, p. 195), no primeiro, o sujeito e o objeto mantêm uma relação fixa, estática; no segundo, a relação entre sujeito e objeto é dinâmica, enérgica.

6. *Nível discursivo*

O nível discursivo é o responsável por envolver as estruturas abstratas. Isto é, as formas abstratas presentes no nível fundamental e narrativo são recobertas, conferindo-lhes concretude (FIORIN, 2005 p. 41).

Pode-se dizer, portanto, que “o nível discursivo produz as variações de conteúdos narrativos invariantes” (FIORIN, 2002, p. 29). Dessa maneira, na narrativa analisada, o objeto de valor se encontra em disjunção, e entraria em conjunção se a mulher soubesse Libras assim como julgava ser tão importante que o pai na charge fosse ouvinte. Teixeira, Nantes e Limoli (2013, p. 43-4) também ressaltam que “os sujeitos narrativos podem ser representados no nível discursivo por uma mesma personagem”, assim como “O nível discursivo é o mais superficial do percurso e o mais próximo da manifestação textual”, e essas explicações dos pesquisadores está edificado no conhecimento de Barros (1990, p. 45) que nos diz que o discurso é uma narrativa esquecida por todas essas opções de sujeitos da enunciação, visto que estes marcam de formas diferentes os “modos pelos quais a enunciação se relaciona com o discurso que anuncia”

2. *Considerações finais*

O presente trabalho teve como objetivo realizar uma breve análise da charge coletada. Para tal, foram elencados alguns conceitos do percurso gerativo de sentido, de acordo com a Semiótica Discursiva, reconhecendo que se trata de um estudo breve e que necessita de aprofundamento em estudos posteriores. Semiótica vem da raiz grega *semeion*, que significa signo. Ela se divide em três escolas: Peirceana, Greimasiana e da Cultura. Para este artigo, utilizamos a semiótica de Greimas, também conhecida como francesa ou discursiva.

Esta vertente da semiótica pode ser dividida em três pontos principais: quadrado, níveis de compreensão e jornada do herói. Para este estudo, utilizamos a análise através do quadrado semiótico e dos níveis de compreensão. O quadrado semiótico aborda a contrariedade e contradição dos eixos semânticos (aquele que procura um ponto em comum entre dois termos opostos).

O percurso gerativo de sentido tem como objetivo mostrar como é construído o sentido de um texto. Os níveis desse percurso são: fundamental (estabelece as categorias semânticas presentes no texto), narrativo (onde se organiza a narrativa do ponto de vista de um sujeito, implicando

a sucessão, encadeamento e transformação de estados) e discursivo (momento em que se observam o encadeamento de temas e figuras e os efeitos de sentido).

A lei de LIBRAS (Lei 10.436) foi sancionada em 24 de abril de 2002, e por meio dela, a chamada Língua Brasileira de Sinais foi reconhecida como meio legal de comunicação e expressão da comunidade surda. No entanto, na prática, pode-se perceber que ainda existe uma visão distorcida sobre o que é a educação voltada para o surdo.

Visão essa representada pelo discurso adotado pela sociedade de um modo geral. Apenas a inserção de um intérprete no processo de facilitação do entendimento não é suficiente. Essa afirmação pôde ser comprovada durante este estudo, uma vez que foi possível mostrar que o discurso não se limita ao texto em si. Ele o extrapola e depende do contexto no qual ele foi produzido.

A interpretação da charge não se limita às palavras utilizadas ou ao texto não verbal, mas no contexto do discurso. Os marcadores de euforia (qualificação semântica considerada como um valor positivo) ou disforia (qualificação semântica considerada como um valor negativo) dependem da interpretação do leitor, das condições de produção e do discurso contido no texto.

Este aspecto foi escolhido para analisar a charge sobre a qual o presente estudo se debruça, uma vez que pretendemos mostrar que o discurso, para ser interpretado, precisa ser colaborativo em sua formação de sentido.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICAS

BARROS, D. L. P. Estudos do discurso. In: FIORIN, José Luiz (Org.) *Introdução à Linguística II: princípios de análise*. São Paulo: Contexto, 2004.

BARROS, D. L. P. *Teoria semiótica do texto*. São Paulo: Ática, 1990.

BRASIL. Lei 10.436. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/2002/L10436.htm>. Acesso em: 17 abr. 2019.

FIORIN, J. L. Sendas e veredas da semiótica narrativa e discursiva. In: *Revista D.E.L.T.A.*, vol. 15, n. 1, 1999, p. 177-207

FIORIN, J. L. *Elementos de análise do discurso*. São Paulo: Contexto, 2005.

GREIMÁS, A. J.; COURTÉS. *Dicionário de Semiótica*. Trad. de Alceu Dias Lima e outros. São Paulo, Cultrix, 1989.

PIETROFORTE, A. V. *Semiótica visual: o percurso do olhar*. São Paulo: Contexto, 2004.

SOBRAL, A. Considerações epistemológicas sobre a semiótica greimasiana. In: *Estudos Semióticos*. [on-line], v. 5, n. 1, São Paulo, junho de 2009, p. 63-74

TATIT, L. A abordagem do texto. In: FIORIN, José Luiz (Org.). *Introdução à Linguística*. v. 1. São Paulo: Contexto, 2002.

Teixeira, A. M. S.; NANTES, E. A. S.; LIMOLI, L. *Análise do Percurso Gerativo de Sentido no Comercial “O Boticário – Nova Linha Active”*. UNOPAR Cient., Ciênc. Human. Educ., v. 14, n. 1. Londrina, Janeiro de 2013. p. 39-46